

Em 2001, os Colóquios brotaram do nosso saudoso primeiro patrono, professor José Augusto Seabra para criar a Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista avesso a mudanças. Queríamos que todos se identificassem pela língua comum que nos une. Pretendíamos catapultar a língua portuguesa da sua obscuridade internacional para um cenário de ribalta. Esta só sobreviverá unida numa frente comum, na realidade multilingue das comunidades que a usam. A LUSOFONIA diz respeito aos que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Ao fim de doze edições, das quais 8 em Bragança, continuámos INDEPENDENTES E AUTÓNOMOS. Não estamos subordinados a apoios estatais mas estamos profundamente penhorados à visão do Presidente Eng.º Jorge Nunes pelo sério e continuado apoio e investimento da Câmara Municipal de Bragança nos Colóquios. Estes, já se afirmaram, nacional e internacionalmente, como a única realização regular, concreta e relevante sobre a LUSOFONIA, com um variado leque de participantes de todo o mundo, sem temores nem medos de represálias. Entre nós hoje estão representantes dos seguintes países e regiões Portugal, Brasil, Galiza, Açores, Bélgica, Macau R P China, Espanha, Bulgária, Nigéria, Ucrânia e Roménia.

*Em 2002 propusemos roteiros turísticos a locais celebrizados pelos expoentes da literatura. Itinerários já existem faltando organizar a leitura de obras, a disponibilização de traduções e edições económicas para os excursionistas. Lucravam editores, operadores turísticos e a língua. Podíamos começar na Bragança de Paulo Quintela, ir a S. Martinho de Anta (em Sabrosa) com Miguel Torga, pulando ao açoriano Campo de S. Francisco, jardim fatídico de Antero de Quental e à “Casa das Tias” de Vitorino Nemésio, à micalense Maia do Daniel de Sá, à ilha do Pico de Dias de Melo e de Cristóvão de Aguiar, viajando n’ “A Cidade e as Serras” de Eça de Queiroz, antes de tomar café na Brasileira de Fernando Pessoa e no agreste Monsanto de Fernando Namora, para voar até ao Rio de Machado de Assis ou à Bahia de Jorge Amado. Convidavam-se professores jubilados para falarem dos autores em cenários apropriados. Para esta revolução por fazer não seriam necessários subsídios nem onerosos comissários mas voluntários que amem a Língua Portuguesa como nós.*

Em 2002, inovámos entregando o CD das Atas/Anais com nº ISBN no início das sessões. Em 2003 assumimos o debate do multiculturalismo e interculturalismo. Em

2004 visitámos línguas e dialetos minoritários trazendo à colação a segunda língua oficial, o mirandês e fizemos a campanha que salvou o Ciberdúvidas. Fomos os únicos a debater, em 2005, a introdução da língua portuguesa em Timor e apadrinhámos o Observatório da Língua Portuguesa na CPLP. Fizemos abordagens ao berço da língua desde 2002, mas postergamos o debate sobre o genocídio da Língua Portuguesa na Galiza até 2006, para catapultar os esforços do colega Ângelo Cristóvão na criação da novel Academia Galega. Em 2007, com o apoio da Câmara criou-se o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debatemos a Língua Portuguesa no século XXI. Foi o pretexto para sermos os primeiros a debater o novo Acordo Ortográfico até então fora das manchetes dos jornais e do interesse dos políticos. O impacto e a cobertura do evento, além-fronteiras, ajudaram a ratificar o segundo protocolo modificativo. Em 2008 debatemos os Crioulos, iniciámos a campanha para criar os Estudos Açorianos e presenciámos a abertura da Academia Galega da Língua Portuguesa nascida no seio destes colóquios.

Assinámos parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a necessária validação científica, criar projetos mais ambiciosos como a Diciopédia Contrastiva da Língua Portuguesa. Em Outubro 2008, o nosso anfitrião, lançou a ideia da criação do Museu da Língua em Bragança na presença do então Presidente da Academia de Ciências, Professor Adriano Moreira e Vice-Presidente, Artur Anselmo, que com a Academia Brasileira deram “apoio inequívoco aos Colóquios”. Tivemos idêntico apoio e presença em Abril passado no 4º Encontro Açoriano onde a Universidade do Sul de Santa Catarina no Brasil celebrou connosco o convénio para ministrar a cadeira de Estudos Açorianos em regime de ensino a distância. Idêntico Curso Breve presencial será orientado pela colega Rosário Durão na Universidade do Minho com a qual acabamos de firmar um protocolo. Igualmente celebrámos acordos com o governo estadual de Santa Catarina, Brasil, para levarmos os Colóquios a Florianópolis, que em 2010 se chamará AÇORIANÓPOLIS.

Ao contrário dos vulcões açorianos que tudo constroem e destroem sem planos predefinidos, sabíamos que teríamos de unir colegas e académicos nesta nossa paixão. Iniciámos a edificação da pirâmide para a posteridade: preservar e expandir a língua portuguesa, debatendo temas que nenhuma conferência queria ou ousava. Para aqueles que viram o programa e os trabalhos selecionados reitera-se que pugnamos pela multidisciplinaridade que nos define. A nossa Lusofonia segue a linha utópica de José Augusto Seabra e da Cidadania da Língua, onde cabem todas

as disciplinas do conhecimento, todas as ideias, saberes e nacionalidades, irmanadas por um elo comum, o seu código genético. Esse ADN único é a língua portuguesa unificada pelo novo Acordo Ortográfico, de Timor a Luanda e Maputo, da Lagoa açoriana à catarinense Florianópolis no Brasil, passando pela Galiza, Goa, Damão e Diu, Malaca, Macau, Ceilão (Sri Lanka), Flores (Indonésia), São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Casamansa e onde haja um Lusofalante, qualquer que seja a sua nacionalidade. Só assim a língua será o poder para que as suas culturas se não percam antes se fortaleçam com as suas variedades dialetais.

Os nossos oradores “típicos” não buscam mais uma conferência para o currículo, antes querem compartilhar projetos e criar sinergias. Trocam impressões, ideias e metodologias, vivências e pontos de vista, dentro e fora do ambiente mais formal das sessões. Juntam-se aos colegas no primeiro dia, partilham comunicações, passeios, refeições e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É o que nos torna distintos de qualquer outro congresso. Criámos uma vasta rede facilitando o intercâmbio de experiências entre participantes. Eles iniciaram o ambicioso projeto da Dicipédia Contrastiva nas horas livres, irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, que nos permite o voluntariado destes colóquios. Juntos somos capazes de atingir o que a burocracia e a hierarquia não podem ou não querem. Esta Dicipédia Contrastiva tem agora uma nova plataforma, mais acessível aos investigadores que nela labutam e ao público.

As diversificadas atividades paralelas estão agora integradas no corpo das sessões. Traremos música, teatro e poesia dos Açores, Portugal, Galiza e Brasil, graças ao apoio logístico da Câmara Municipal disposta erguer aqui o Museu da Língua a com os Colóquios e as 3 Academias. Queremos que esse museu virtual enalteça a história transmontana e o seu contributo para a lusofonia ao longo dos séculos. Temos ainda a responsabilidade de prosseguir, incansáveis, a campanha para execução do novo Acordo Ortográfico. Contamos com o laborioso apoio dos seus proponentes: Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Ângelo Cristóvão que nos têm assistido a lutar pela língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Em Portugal não há uma política de língua. Precisa-se de uma estratégia que vá além do Acordo. É urgente a expansão e o reforço do ensino a estrangeiros e às comunidades lusofalantes. A língua é um utensílio de poder que os governantes subaproveitam.

Carlos Reis afirmou (Julho 2008): *“uma política de língua é um desígnio nacional que deve passar de Governo para Governo. A internacionalização da língua só será possível com uma política a “longo prazo”, que sobreviva aos sucessivos governos”*. É esse desígnio que os Colóquios da Lusofonia, representando a sociedade civil atuante, desenvolvem há nove anos. Esperamos que as Academias nos ajudem. Enquanto as Letras se mantiverem subalternas como mera Secção da Academia das Ciências é imperioso que esta seja mais atuante na defesa da língua e das suas variantes face aos desafios que os políticos não conseguem afrontar. A vetusta Academia tem de ser pró-ativa em vez de reativa. O futuro e a preservação da língua não se compadecem com esperas nem vivem de glórias passadas. Portugal está irremediavelmente atrasado. Não pode esperar mais. Por isso sonhámos com a criação de uma Academia das Letras, uma Academia da Língua independente no seio destes colóquios nascida sem sujeições a projetos estatais ou outros. Mais um ambicioso desígnio para abraçarmos.

Os Colóquios da Lusofonia seguiram a saga dos navegadores de 1500 e chegaram aos Açores em 2006 para debaterem a identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Em 2008 tivemos a presença do picaroto, Dias de Melo e do micaelense Daniel de Sá. Em 2009 tivemos o prolífico escritor Cristóvão de Aguiar que é o nosso convidado especial em Bragança este ano. Na nossa porfia por repor tais escritores no panteão que merecem temos ainda outros para estudar. É para eles, suas obras e memórias, que iremos orientar edições futuras, para que sejam lidos e traduzidos Com exultação vos digo que eles estão a ser estudados, graças à colega Rosário Girão, em universidades romenas e polacas; graças às colegas Zélia Borges e Dina Ferreira nas Universidades de São Paulo, Brasil e irão chegar ao mundo nos novos cursos abertos de Estudos Açorianos da UNISUL na internet e da Universidade do Minho.

Este ano teremos a Homenagem contra o Esquecimento de Paulo Quintela, Carolina Michaelis, Rosália de Castro, Miguel Torga, Euclides da Cunha, Agostinho da Silva, José Rodrigues Miguéis, e outros, nesta nossa nova tarefa de dar a conhecer e traduzir autores que a curta memória dos homens olvidou para além de debatermos ainda o acordo ortográfico e a tradução, tema que nunca abandonámos desde a primeira edição.